

RESENHA CRÍTICA

A ARTE VISIONÁRIA COMO INDUTORA DE EXPERIÊNCIAS VISIONÁRIAS

Constance Pinheiro ¹

“ARTE VISIONÁRIA - REPRESENTAÇÕES VISUAIS INSPIRADAS NOS ESTADOS NÃO ORDINÁRIOS DE CONSCIÊNCIA (ENOC)”, DE JOSÉ ELIÉZER MIKOSZ.

MIKOSZ, José Eliézer. Arte Visionária - Representações visuais inspiradas nos estados não ordinários de consciência (ENOC). 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2014. 233 p.

O livro *Arte Visionária* de José Eliézer Mikosz é resultado de sua tese de doutorado intitulada "**A Arte Visionária e a *Ayahuasca*: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)**", apresentada em 2009 em Florianópolis pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Nele, a tese é atualizada e são inseridos mais exemplos de artistas visionários, além de ser alterada, pela supressão das questões antropológicas e pela abreviação do conteúdo sobre a *ayahuasca* per si, dando ênfase à ampliação das informações sobre Arte Visionária como um todo. O autor, artista transmídia e professor, com pesquisa voltada à arte visionária e estudos interdisciplinares entre Arte e Consciência, possui uma produção bibliográfica esparsa publicada em periódicos, anais, revistas digitais e coletâneas de artigos. Esse livro, em sua segunda edição revisada em 2015, é estruturado em seis partes. Primeiramente contorna aspectos da consciência e seus estados não ordinários - ou alternativos -, correlacionados às experiências pessoais do autor e de outros artistas visionários, e dá enfoque às práticas xamânicas e experiências espirituais ou religiosas e aos métodos de indução aos ENOC que contemplam o uso de substâncias enteógenas - ou psicointegradoras - como a *ayahuasca*.

O termo enteógeno, que também pode ser lido como «o que gera experiência interna do divino», tem sido usado para desviar os preconceitos que [a palavra] *alucinógeno* carrega como algo gerador de perturbações mentais ou meramente psicopatológico. (MIKOSZ, 2014, p. 44)

¹ Artista visual. Especialista em Poéticas Visuais pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP-Unespar). Engenheira Química pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: constance.en@gmail.com

Outras substâncias enteógenas citadas no livro são a psilocibina, o DMT, o LSD, o ácido ibotêmico, o iboga africano e a mescalina, porém o autor elucida que há diversas técnicas e fenômenos que podem ocasionar o surgimento dos ENOC, como por exemplo longos períodos de meditação ou mesmo enxaquecas. Compondo praticamente um terço do conteúdo da edição, nas segunda e terceira partes do livro o autor aprofunda generosa e didaticamente o conteúdo sobre imagens derivadas da arte visionária, sobretudo tratando da presença das espirais e sua abrangência simbólica, tanto na natureza e na ciência, quanto nos legados das civilizações antigas.

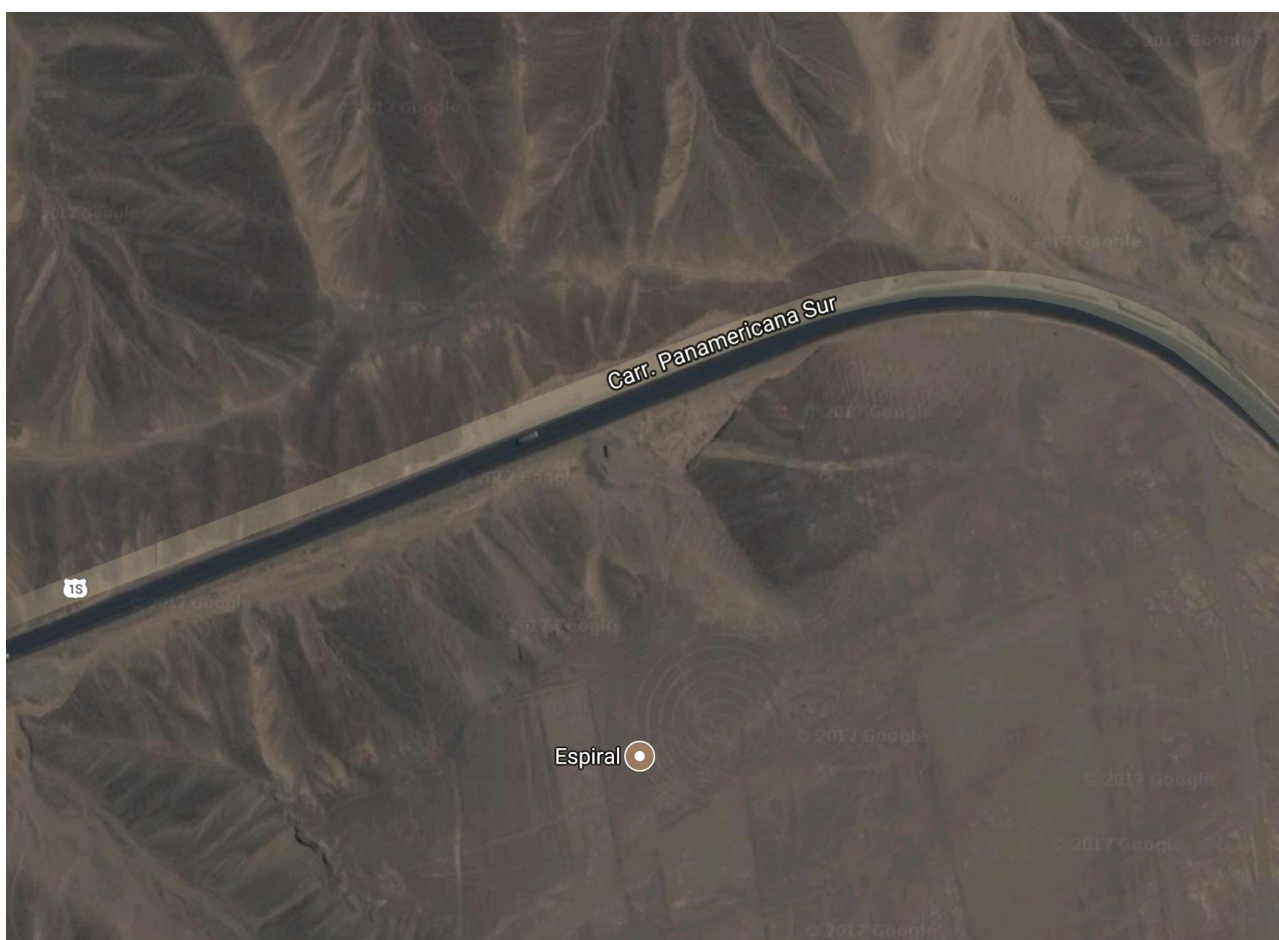


Imagem 1: Espiral de Nazca no deserto peruano fotografada via satélite, 2017, Google.

Fonte: Captura de tela realizada pela autora, de Google Maps ².

² Disponível em: <<https://goo.gl/maps/hqEst3aA8862>>

No capítulo que segue o autor faz um recorte na história da arte ocidental, salientando que oficialmente não se pode encontrar leituras que evidenciem a arte visionária como um movimento consciente ou uma escola específica. Assim, nessa parte o autor destaca artistas e trabalhos com características que podem se dizer visionárias, realizados no período compreendido entre o Renascimento e a Cultura Psicodélica, passando pelo Maneirismo, Romantismo, Pré-Rafaelitas, Simbolismo, Art Nouveau, Abstracionismo, Surrealismo, *Art Brut* - ou Arte Bruta - e o Realismo Fantástico, tendo um tópico somente sobre os *Rotoreliefs* de Duchamp:

A história da arte oficial, como encontrada na bibliografia de autores como Gombrich, Janson ou Argan, não faz uma leitura da Arte Visionária como a apresentada aqui. [...] O que se pode observar é que essa busca visionária interessou alguns artistas, e é possível traçar um caminho. (MIKOSZ, 2014, p. 149)

Com foco nos artistas contemporâneos, o autor conclui o livro apresentando uma linhagem visionária, resgatando um pouco do imaginário - intermediado muitas vezes pelo uso de psicoativos ou plantas professoras como a *ayahuasca* - de tribos indígenas amazônicas, e acrescentando informações e entrevistas com artistas cujos trabalhos refletem particularmente a incidência das formas geométricas enfatizadas no início do livro e outras *constantes formais* comuns nos ENOC.

É comum ocorrer visões de figuras e padrões geométricos coloridos, como pontos, grades, zigue-zagues e linhas sinuosas. Kluver divide esse fenômeno entóptico em quatro categorias, também chamadas de *constantes formais* [*form constants*] ou *fosfenos*: «[1] grades, treliças, tramas, cordas, filigranas, favos de abelha, enxadrezados, [2] teia de aranha, [3] túnel, funil, viela, cones e vasos, [4] espirais» (KLUVER 1966, 66 *apud* BRESSLOF *et. al.* 2001, 300). (MIKOSZ, 2014, p. 53).

Em suas considerações finais o autor enfatiza novamente a não necessidade do uso de psicoativos para o acesso aos ENOC, reforçando a validade da arte visionária como resultado de uma "verdadeira experiência visionária", diferente do que pode ter ocorrido no Surrealismo, conforme citado no livro:

Hocke comenta que: «Tem-se a impressão de que Dali apenas se aproveita de antigos símbolos, sem nenhuma experiência mística de sua parte»,

justamente o contrário do que se espera de uma verdadeira experiência visionária. (MIKOSZ, 2014, p. 211).

O livro é organizado de maneira tal que todas as imagens inseridas no decorrer do texto - exceto duas na página 46 - estão em preto-e-branco, dedicando as 10 últimas páginas, após as referências, a um compêndio colorido com imagens de trabalhos de artistas contemplados no livro e uma obra do autor - a Caverna -. De um ponto de vista esquemático, no capítulo em que os artistas contemporâneos e o imaginário dos indígenas são apresentados, as imagens de seus trabalhos em preto-e-branco auxiliam no reconhecimento das formas, porém estas mesmas imagens não estão contempladas em colorido na coletânea final, salvo algumas exceções, o que dificulta, segundo a opinião da autora desta resenha, uma leitura mais abrangente das obras. De todos os modos, a simples reprodução de uma obra, mesmo que colorida, não substitui a experiência de presença ao se observar o trabalho sem intermediação. Percepções como dimensão, cor, brilho, contraste e minúcias do trabalho, por exemplo, como padrão não são alcançadas nas impressões de um livro ou na tela do computador:

O que eu observava na tela do computador não poderia me preparar para o impacto de ver seu trabalho ao vivo. Como um fractal, níveis inteiros novos de detalhe e complexidade eram invisíveis online. - *Daniel Mirante sobre o trabalho de Maura Holden* (MIKOSZ, 2014, p. 202).

Hoje, com a facilidade na busca e na transferência de imagens via internet, em poucos minutos o leitor pode encontrar tantas outras imagens e reproduções sobre a arte visionária e os artistas, e até mesmo acessar a tese de doutorado completa que deu origem a esse livro. Pelo PDF o leitor pode ter acesso inclusive às transcrições, na íntegra, dos depoimentos dos artistas e das anotações pessoais do autor - outra supressão da tese quando transformada em livro - o que pode enriquecer o confronto entre os relatos da experiência em si e os retratos ou as representações visuais influenciados pela experiência, muitas vezes sinestésica, numinosa, cosmológica, mística, religiosa, espiritual, terapêutica. É importante retomar neste momento o fato de que o livro *Arte Visionária*, sendo fruto de uma tese de doutorado, se estrutura a partir de uma metodologia de pesquisa que alicerça a abordagem do tema central, e que sua vocação está justamente em trilhar um campo interdisciplinar. O autor aclara com sucesso assuntos que tangem o tema, como o interesse humano por modificar seus estados de consciência, como o que são os ENOC e modos de

alcançá-los, como o processo de “tradução” das experiências em ENOC para trabalhos de artes visuais, e tantos outros, no entanto não há um rigor analítico que observa o resultado artístico da produção visionária. Inclusive se comenta no livro, através das palavras de L. Caruana em seu Manifesto da Arte Visionária, que «o objetivo é fazer os meios da pintura o mais possível invisíveis, de forma que a imagem em si mesma seja apresentada imediatamente ao observador» (MIKOSZ, 2014, p. 96). Mesmo quando apontado pelo autor que estas características, propostas por L. Caruana, não devem ser engessadoras, o que recebemos de informação sobre Arte Visionária a partir do livro e do Manifesto se restringe majoritariamente à linguagem da pintura, existindo algumas menções sobre desenho e escultura, mas cabendo a dúvida se haveriam ou não outras linguagens artísticas sendo exploradas por visionários. Ainda assim, nota-se neste campo uma preocupação específica a favor da *imagem* obtida na produção visionária, e não tanto à *experiência* estética ou de recepção/mediação ocasionada por esta imagem. Em causa podemos associar a pintura visionária para a experiência ao contributo da fotografia para o “inconsciente ótico”, designação formulada por Walter Benjamin. «Ela [a câmara] nos abre, pela primeira vez, a experiência do inconsciente ótico, do mesmo modo que a psicanálise nos abre a experiência do inconsciente pulsional» (BENJAMIN, 1955, p. 11). Tal como a arte visionária para a experiência. Benjamin reconhece na fotografia - e no cinema - a capacidade de registro de aspectos da realidade que não cabem na ótica natural.

Que concebamos a experiência estética como uma oscilação (às vezes, uma interferência) entre “efeitos de presença” e “efeitos de sentido”. (GUMBRECHT, 2010, p. 22)

A partir dos escritos do capítulo “A Linhagem Visionária”, e apesar de as representações típicas obtidas nas visões nem sempre serem figurativas, fica muito claro o método neuropsicológico usado para a leitura das imagens, muito próximo a uma leitura mais formal, focada nos conteúdos figurativos e suas representações. No entanto, em algumas apresentações de artistas nesse capítulo, não se é citado o seu processo particular de tradução entre o ENOC e a arte produzida e, muitos deles, em sua biografia, dão a entender que reproduzem estilos ou criam modalidades ou significados às suas produções, o que pode reforçar a sensação descrita pelo autor de que «muitas vezes as imagens criadas não passam de arremedos simbólicos da experiência original» (MIKOSZ, 2014, p. 177). Esse ponto é crucial para se analisar os limites conceituais entre Arte Visionária, Realismo

Fantástico e Psicodelismo e para se entender a dificuldade em transpor ou retratar as visões - da ordem do transcendente - em um suporte material. Na superação desta dificuldade, é interessante observar a própria Arte Visionária como método indutor de ENOC. No Manifesto da Arte Visionária, 2001, Caruana engloba:

As fontes de experiência Visionária são muitas e variadas: sonhos, sonhos lúcidos, pesadelos, imagens hipnagógicas, sonhos despertos (estados de devaneio), estados de transe (suscitados por exaustão, privação ou repetição rítmica de prece ou música), estados hipnóticos, enfermidades, experiências de quase-morte, buscas de visão, meditação (tanto com olhos fechados ou focados em uma imagem sagrada) , loucura (temporária - devido a traumas - ou permanente), fantasia, imaginação, inspiração, aparição, revelação, visões espontâneas, drogas psicodélicas, *reading* (leitura/recital/audição), e - para não esquecer - as experiências metanóicas causadas pela arte visionária ela própria. (CARUANA, 2001) ³

³ Tradução da autora para: *The sources of Visionary experience are many and varied: dreams, lucid dreams, nightmares, hypnagogic images, waking dreams, trance states (brought on by exhaustion, deprivation, or the rhythmic repetition of prayer or song), hypnotic states, illness, near-death experiences, shamanic vision-quests, meditation (whether with eyes closed or focused upon a sacred image), madness (be it temporarily - due to life's traumas - or permanent), day-dreaming, fantasy, the imagination, inspiration, visitation, revelation, spontaneous visions, psychedelics, reading, and - let us not forget - the metanoic experiences brought on by Visionary art itself.* (CARUANA, 2001).

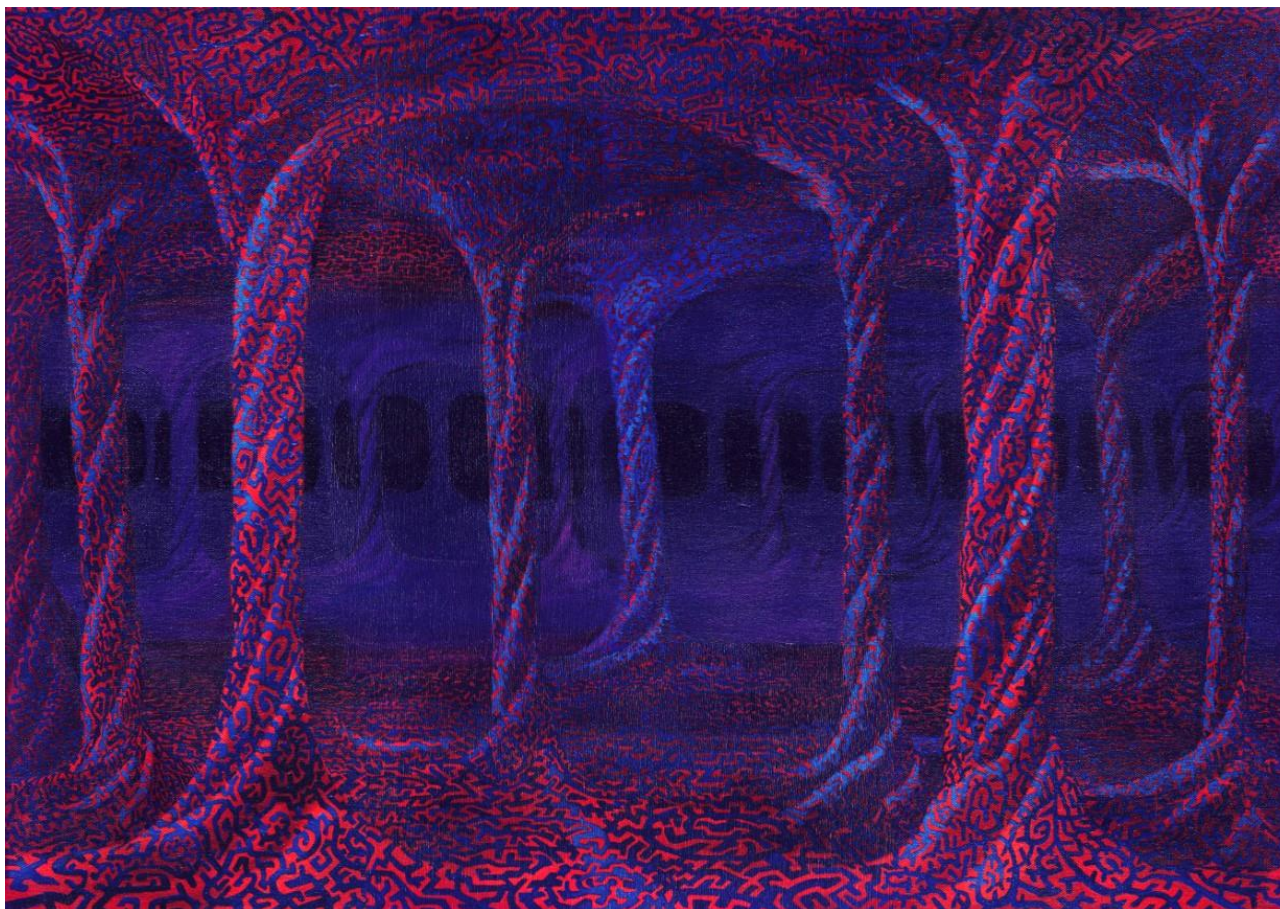


Imagem 2: Caverna, óleo sobre tela, s.d., Antar Mikosz. Fonte: Site do autor ⁴.

Na própria pintura *Caverna* produzida pelo autor desse livro encontramos esta potencialidade. Se nota o uso recorrente do fundo negro ou escuro, como alusão ao desconhecido e ao obscuro, e também como recurso para tornar as outras tintas e pigmentos em cores mais vivas e brilhantes, como o são as experiências originais nos ENOC. Tão logo, se faz necessário salientar todos os mecanismos de adensamento e expansão de nossa capacidade perceptiva que a Arte hoje nos possibilita.

Outro exemplo é o artista contemporâneo Rember Yahuarcani, artista originário da Amazônia peruana e que se utiliza do fundo negro - e também das espirais - para representar seres da selva, aspectos mitológicos de sua tribo e sua ancestralidade. A autora desta resenha não saberia dizer se ele é um artista visionário ou se ele se considera visionário, porém podemos relacionar o mesmo tipo de objetivo representativo nos dois

⁴ Disponível em: <<http://www.mikosz.com.br/images/caverna-g.jpg>>

casos, com bastante êxito na conquista do brilho e da vivacidade das cores, e em seu caso utilizando em sua maioria pigmentos naturais e resinas.



Imagem 3: Nómades y errantes, 2012, Rember Yahuarcani. Fonte: Blog *Lima en escena* ⁵.

Creio ser exatamente nesta capacidade humana de se compor objetos fora de si, originários de seu interior ou de outros mundos, que reside a potencialidade do presente livro. E, nesse sentido, também podemos apontá-lo, o próprio objeto desta resenha, como um propiciador de ENOC. O livro enquanto representação - exposição, revelação, amostra, reprodução - neste caso portanto tem o papel de representar a representação. O livro acaba

⁵ Disponível em: <[http://2.bp.blogspot.com/-i2yEG91C6Dg/UD_OM6Z7zcI/AAAAAAAAAgPY/DWsOnYHynyc/s640/N+%C2%A6mades+y+errantes.+R.Yahuarcani.+Los+n+%C2%A6mades+\(detalle\)+\(2\).jpg](http://2.bp.blogspot.com/-i2yEG91C6Dg/UD_OM6Z7zcI/AAAAAAAAAgPY/DWsOnYHynyc/s640/N+%C2%A6mades+y+errantes.+R.Yahuarcani.+Los+n+%C2%A6mades+(detalle)+(2).jpg)>

sendo a mediação da representação visual de uma experiência original. Ele é a revelação da mostra da própria revelação. Esse livro, por fim, cumpre seu papel amplificador do conhecimento, dando um passo adiante na pesquisa da Arte Visionária e conseqüentemente na investigação do ser consciente. Indico a leitura deste volume não somente aos apreciadores da arte, mas também aos interessados em autoconhecimento e consciência.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. (1955) Traduzido da segunda versão em alemão para o português por José Lino Grünnewald, in A idéia do cinema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/textos%20em%20pdf/a%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>>.

CARUANA, Lawrence. First Draft of a Manifesto of Visionary Art. Paris: Recluse Pub, 2001. Disponível em: <<http://www.visionaryrevue.com/webtext/longman1.html>>.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. 1ª ed. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

MIKOSZ, José Eliézer. A Arte Visionária e a *Ayahuasca*: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC). Florianópolis: UFSC, 2009. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjFhuOXosvXAhVCGpAKHe5gCzoQFggnMAA&url=https%3A%2F%2FRepositorio.ufsc.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F123456789%2F92737%2F264312.pdf%3Fsequence%3D1&usg=AOvVaw1ESOzrPABSdX3VrxIl4nv2>>.

_____. Arte Visionária - Representações visuais inspiradas nos estados não ordinários de consciência (ENOC). 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2014.